

SALTO NAS  
TREVAS...

18. XII. 53 Raul Pilla

É NATURAL que os presidencialistas de convicção, que já são poucos, e os de conveniência, que ainda são muitos, utilizem todos os recursos para evitar a reforma parlamentarista. O seu maior argumento, talvez o seu único argumento, é o temor que procuram infundir. Ainda pessoas de excepcional cultura, como o sr. Gustavo Capanema, brandem a arma, como se fôsem os mais ignorantes dos mortais. Para eles, o parlamentarismo é o desconhecido, é a aventura, é o golpe. É um salto no escuro — dizem eles, estremecendo de fingido ou de verdadeiro horror.

Será um salto no escuro para os ignorantes, para os que imaginam não haver outro processo de governo democrático, senão o que eles têm visto praticar no País, com resultados cada vez menos satisfatórios. Para esses, a reforma é realmente o desconhecido. Por pouco, porém, que se saiba, ou se procure saber, há de sempre saber-se que o sistema parlamentar se pratica em todos os países democráticos do mundo, menos os da América (onde predomina o presidencial) é verdadeiramente o processo normal e perfeito de governo democrático e nem para nós, brasileiros, constitui novidade, pois já o praticámos no segundo Reinado.

Onde, pois, o salto nas trevas? Nas trevas estamos nós, em verdade. Tudo escuro em torno. Mas, qualquer coisa que façamos, quer nos quedemos, quer nos movamos, nas trevas estaremos. E a única possibilidade, que há, de sair delas, é justamente dar um salto, não nas trevas, mas das trevas para a zona iluminada da democracia. Este é o salto que urge dar, antes que suceda um acidente fatal às instituições representativas.

Certo, nem todos os adversários da reforma raciocinam tão primariamente. Conhecem eles perfeitamente a significação do sistema parlamentar entre as formas de governo. E, por isto, argumentam com a presente situação, caracterizada pela presença do sr. Getúlio Vargas no governo, para condenar a reforma. Foi o que fez, há dias, o «Diário Carioca», sustentando que eu, não obstante, o meu patriotismo, me estou pondo, graças à minha obstinação, «a serviço dos adversários do regime».

Trata-se aqui de argumentação mais razoável, pois não afronta a cultura política. Sem nada avançar quanto ao mérito da reforma, apenas formula uma contra-indicação ocasional: a onipresença do sr. Getúlio Vargas. Examinarei a objeção em outro comentário.